



7ª edição

Tânia Alexandre Martinelli



# O que é que eu posso fazer?

Ilustrações: Marcelo Martins

 **Atual**  
Editora

## Série Entre Linhas

---

Editor • Henrique Félix

Assessora editorial • Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto • Maria Cecília F. Vannucchi

Preparação de texto • Valéria Franco Jacintho

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Elza Maria Gasparotto

Sandra R. de Souza / Célia R. do N. Camargo

---

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Mizue Jyo

Diagramação • Elen Coppini Camioto

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Veio Libri

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Martinelli, Tânia Alexandre

O que é que eu posso fazer? / Tânia Alexandre Martinelli; ilustrações de Marcelo Martins. – São Paulo – 7ª ed.: Atual, 2009. – (Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1024-3

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5  
14ª tiragem, 2019

Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2002.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810341

CAE: 575981

Para Jocimar Martinelli e Miriam Ferreira Martins.

Para todas as ONGs que atuam no Brasil.

Agradecimento especial a Priscila Bufarah da Costa e  
Rosangela de Paula.

# Sumário

Mancada 7

---

Chegando em casa 12

---

O dia seguinte 15

---

Semana difícil 19

---

No colégio 22

---

Almoço com Mariana 27

---

Dona Júlia faltou 30

---

As explicações de dona Júlia 33

---

O pedido 37

---

A visita 39

---

O grande dia 43

---

O encontro 46

---

A Casa Oboré 50

---

Surpresa na casa de Thiago 54

---

A lanchonete do Márcio 59

---

De volta à Casa Oboré 63

---

A leitura do jornal 67

---

Conversa com Mariana 71

---

Aulas de reforço 74

---

Conhecendo-se melhor 79

---

O convite 82

---

Mariana na Casa Oboré 85

---

Opiniões 88

---

Alegria 90

---

Medo 94

---

A empresa do pai 96

---

Uma pista 100

---

O reencontro 102

---



Final de janeiro 106

---

Paulo, outra vez 108

---

A autora 112

---

Entrevista 115

---

Endereços úteis para leitores interessados 118

---



# Mancada



– Tem horas aí?

– Nove e cinco.

O garoto loirinho que perguntava as horas vestia-se como qualquer garoto de sua idade – calça preta do tipo skatista, camiseta branca com uma grande estampa nas costas, tênis e um boné também preto do Chicago Bulls. Mostrava-se visivelmente aflito.

Não demorou muito, avistou um rapaz mais velho, com o mesmo tipo de roupa que ele, aproximando-se.

Instintivamente, tocou sua cintura com a mão direita, como se estivesse conferindo se tudo estava em ordem. Depois, fez um gesto subindo e descendo os ombros. Solto a respiração e procurou relaxar.

O rapaz parou ao seu lado, mas não se olharam. O homem, impaciente, olhou novamente o relógio. O ônibus apareceu, virando a esquina.

O garoto olhou de esguelha para o rapaz, o qual fez o mesmo. Uma comunicação muda se fez entre eles, sem que o homem percebesse.

Nove e quinze da noite. A essa hora não havia tantos passageiros. O primeiro a subir foi o homem, em seguida o garoto e o rapaz.

Os dois passaram pelo cobrador, deram o dinheiro e ficaram em pé, no meio do corredor. O garoto esperou que o ônibus andasse mais uns metros e caminhou até o motorista. Quando estava bem perto dele, voltou-se e olhou para o rapaz. Era o sinal.

– Olha aqui, meu, tenho uma arma apontada pra você. Se parar esse ônibus eu atiro.

O motorista olhou para o garoto, assustado. Ele continuou:

– Só vai parar quando eu mandar.

O motorista não disse nada, apenas balançou a cabeça em sentido afirmativo.

Foi a vez de seu companheiro:

– Isso aqui é um assalto! – gritou. – Ninguém reage, senão vai tomar bala!

– Meu Deus do céu! – falou uma mulher. Imediatamente abraçou a filha, envolvendo quase todo o corpo da menina.

– Que é que vai acontecer com a gente agora? – disse o homem que, minutos antes, estava no ponto ao lado dos assaltantes.

– É melhor a gente ficar calmo – aconselhou um rapaz que estava ao seu lado.

– O pior é que eles estavam lá no ponto comigo e eu nem desconfiei! – exclamou o homem, bastante nervoso. – Quem é que poderia imaginar que esses dois garotos iam entrar no ônibus para assaltar? Quem?

O assaltante mais velho chegou até o cobrador e disse:

– Passe todo o dinheiro que você tem aí!

O cobrador não hesitou em lhe entregar toda a quantia da caixa. Era a nona vez que sofria um assalto enquanto trabalhava. Aquilo parecia ter se tornado uma constante em sua vida. Como a sua mulher vivia lhe falando, talvez fosse hora de procurar outro emprego. Aquilo estava ficando insustentável.

O garoto loirinho permanecia próximo ao motorista e, a todo momento, olhava de um lado para o outro, para dentro e para fora do ônibus, demonstrando bastante aflição.

– Vai dar tudo certo – murmurou consigo mesmo, feito uma prece, como se aquilo fosse lhe dar o apoio e a segurança de que necessitava. – Já, já nós saímos daqui. Vai dar tudo certo...

O senhor que estava ao lado de Thiago começou a passar mal. Estava pálido, os olhos quase se fechando, a cabeça largada no encosto. Thiago teve a impressão de que ele ia desmaiar.

– O senhor está bem? – Thiago perguntou, preocupado.

O homem apertou com força uma pasta que trazia no colo. Era como se quisesse se segurar, encontrar algum apoio até aquela situação horrível terminar.

Thiago repetiu a pergunta, colocando a mão em seu ombro.

O homem balançou a cabeça em sentido afirmativo. Mas, naquela hora, ninguém estava bem. Ninguém. O clima era tenso. As pessoas evitavam falar umas com as outras, com medo de que os garotos, visivelmente nervosos, viessem a fazer algo contra elas.

O assaltante mais velho aproximou-se de Thiago, com a arma apontada para ele e para o homem do lado. Thiago engoliu em seco; o homem parecia ter piorado.

– A carteira – ele apenas disse.

Thiago tirou a carteira do bolso e, assim que esticou o braço para entregá-la, o assaltante viu outra coisa que lhe interessou.

– O relógio.

Thiago tirou o relógio do pulso, e o assaltante o pegou rapidamente, enfiando-o no bolso da calça. Foi a vez do senhor do lado lhe entregar a carteira. Estava com as mãos trêmulas. O rapaz pegou o dinheiro e jogou as duas carteiras no chão. Nenhum dos dois fez o menor movimento para tentar recuperá-las.

Alguém lá no fundo do ônibus observava tudo com muita cautela. Parecia estar estudando cada passo dos assaltantes. Era como se estivesse aguardando o melhor momento para agir.

O rapaz nada percebeu. Muito menos o loirinho, que mantinha a arma apontada para o motorista. Ele estava muito nervoso, o motorista podia perceber isso claramente. E era exatamente esse nervosismo que deixava o motorista mais apreensivo ainda. Qualquer coisa poderia assustá-lo, e o primeiro a ser ferido com um possível disparo da arma seria ele. Procurou dirigir com calma e não fazer nenhum gesto brusco.

Quando o assaltante se dirigia para o banco da frente do de Thiago, ouviu-se um grito vindo lá do fundo:

– Parado! Polícia!

Thiago gelou. Sentiu que as coisas não iam ser resolvidas com facilidade dali para a frente. Havia um policial no ônibus o tempo

todo! Seu companheiro de banco fechou os olhos. Thiago sentiu a respiração ficar difícil.

O assaltante virou-se e viu um homem no final do corredor, apontando-lhe uma arma. Era um policial em seu dia de folga, mas que não havia deixado a arma em casa.

– Largue a arma! – disse o policial. – Vai ser melhor pra você.

O garoto loirinho arregalou os olhos. Tremia. Caminhou para perto do amigo. Não sabia mais o que fazer. Aquilo não fazia parte dos planos.

“Vai dar tudo certo”, desta vez só pensou. A boca não ia conseguir balbuciar qualquer coisa que fosse.

Ele não podia acreditar no que estava acontecendo. Já tinha cometido inúmeros furtos, arrombado bares e lojas no centro da cidade, de madrugada. Policiais já o tinham pego, já tinha sido fichado, ido parar numa cela provisória para adolescentes. Chegara a ficar uma semana inteira preso. Mas era a primeira vez que participava de um assalto à mão armada. Seu companheiro, que era experiente, lhe dissera que confiasse nele, pois nada poderia dar errado. Nada.

Os passageiros ficaram ainda mais assustados. Todos sentiam que o pior estava para acontecer. Ninguém ousava sequer se mexer.

– Abaixem-se! – disse, de repente, um dos passageiros, como se a recomendação pudesse proteger a todos que estivessem ali.

Muitos abaixaram-se nos bancos, cobrindo a cabeça com os braços. O rapaz estava bem perto do banco de Thiago; o loirinho, um pouco mais à frente.

O motorista não sabia o que fazer. Brecou. Ouviu-se um tiro. Partiu da arma do rapaz mais velho. Algumas pessoas gritaram, não sabiam quem teria sido a vítima. Em questão de segundos descobriram que o rapaz atingira a perna do policial, o qual fez um disparo certo no peito do assaltante.

O rapaz caiu para trás. Thiago piscou duro e arregalou novamente os olhos. O coração batia mais acelerado ainda.

– Largue a arma! – berrou o policial para o loirinho.

Ele viu que não tinha alternativa. Tremendo, jogou sua arma no chão e levantou as mãos. Queria abaixar-se, tocar no amigo, verificar se ainda estava vivo. Mas algo lhe dizia que isso era impossível,

que não tivesse esperança. Ele tinha ficado sozinho agora. Ninguém para protegê-lo. Seu companheiro estava morto.

Thiago assistia a tudo, quase sem conseguir respirar. Nunca tinha presenciado uma cena como aquela. Não assim, bem na sua frente. Aquilo parecia cena de cinema. Parecia mas não era.

O policial veio arrastando a perna baleada e pegou a arma do garoto do chão, guardando-a junto à sua. Em seguida, segurou-o pelos braços.

– Você está preso, seu pivete de uma figa!

O menino sentiu vontade de chorar; havia perdido o companheiro. Estava sem ninguém. Mas não ia fazer isso na frente de um policial de jeito nenhum. Já tinha apanhado muito, sem nunca ter derrubado uma lágrima. E não seria agora que isso iria acontecer. Baixou a cabeça e ficou calado. Só levantou os olhos quando escutou a voz do policial:

– Você está bem enrolado, garoto. A Febem que dê um jeito em você, agora.

Thiago colocou sua atenção no assaltante morto, estendido no chão. Depois olhou para o garoto. Os olhos do menino denunciavam todo o ódio que estava sentindo contra o policial naquele momento.

Ninguém falou nada. O silêncio deixava o ambiente ainda mais assustador. A vontade de cada um dos passageiros era de sair de lá o quanto antes e esquecer todo aquele pesadelo.

– Saíam todos. A viagem acabou – disse o policial. Em seguida continuou: – Vou precisar de alguns de vocês como testemunhas.

As pessoas foram descendo. Três homens fizeram uma rodinha na calçada à espera do policial.

– Vamos – disse Thiago ao companheiro de banco. – Eu ajudo o senhor a descer.

– Graças a Deus que tudo acabou! – disse uma das passageiras. – Graças a Deus!

Thiago passou perto do garoto. O policial segurava firmemente os dois braços do menino para trás. Thiago sentiu algo ruim, como nunca tinha sentido em toda sua vida. Um aperto, uma falta de ar.

– Vamos rápido! – disse o policial. – Todo o mundo pra fora do ônibus.

Thiago baixou a cabeça e saiu com os outros.